



Transparência. Bailarinos marcam passo atrás da cortina de aço, um ponto alto do espetáculo

A EXCELÊNCIA DO CORPO EM NOVAS SENSações

Dança

Critica

"Triz", do Grupo Corpo

Teatro Municipal

Cotação: Ótimo

ADRIANA PAVLOVA

segundocaderno@oglobo.com.br

A cada dois anos, o Grupo Corpo apresenta uma nova criação. E a cada dois anos, o público tem a chance de viver uma experiência estética única, capaz de mexer com seus modos de percepção da arte. Em cartaz até quarta-feira, "Triz", 34º trabalho da companhia mineira em 38 anos de história, reafirma a capacidade do grupo liderado pelo irmãos Rodrigo (coreografia) e Paulo Pederneiras (direção artística, cenário e iluminação) de mexer com sensações, oferecendo um espetáculo de excelência.

"Triz" explora os dualismos da vida. É tudo preto e branco. É a vida por um fio, por um triz, com seus altos e baixos, cheia de intensidade, urgência, mas com pausas para o amor, respiro e felicidade. A música de Lenine — que trabalhou com uma variedade de instrumentos de cordas — oferece múltiplas camadas sonoras para uma dança que responde à altura. A tão celebrada musicalidade de Rodrigo Pederneiras está lá, revelando com movimentos cada nota da trilha. Mas, diferentemente de "Breu" (2007), também com música de Lenine,

aqui a dança não é feita de quedas.

As cordas saem da música e ganham o palco, num belo cenário de cabos de aço finíssimos. A cortina prateada (que pela iluminação perfeita de Paulo, com seu sobrinho Gabriel Pederneiras, vai do branco ao dourado) cobre as laterais e o fundo, deixando entrever os bastidores. É nesse esconde-e-revela que acontece um dos momentos mais marcantes. Dezoito bailarinos se espalham atrás do cenário enquanto três dançam na cena principal. O foco é nos bastidores, onde o grupo parece se aquecer e marcar a dança feita à frente. Tudo ao som de um ensaio gravado por Lenine, que deixa a plateia ouvir a contagem de passos comum na dança mas desconhecida do grande público.

Esse jogo de percepção tem seu ponto alto no figurino de Freusa Zechmeister. São macacões que dividem os corpos de forma longitudinal, com um lado branco e outro preto. Simples mas com um efeito fantástico, que nas mistura de corpos muitas vezes não nos deixa perceber quem é quem. A brincadeira ganha mais força nos pas-de-deux de corpos embaralhados ou na intensidade dos trios que fazem e se desfazem num piscar de olhos.

O programa é aberto por "Parabelo" (1997), com música de Tom Zé e José Miguel Wisnik. A criação com um pé no Nordeste contemporâneo oferece um ótimo contraste com "Triz". Nos 16 anos que separam as obras, a dança do Corpo ganhou mais questões e reflexões. Não ficou menos bonita, mas hoje faz pensar muito mais. E como é bom pensar! ●